

Venâncio, o *flâneur* d' *A república dos sonhos*, de Nélida Piñon

Profa. Dra. Maria Miquelina Barra Rocha¹ (UFMG)

Resumo:

O texto d' A república dos sonhos, de Nélida Piñon, apresenta-se como lugar de tensão social na medida em que se presta a mostrar os conflitos sociais na representação das personagens. Momentos elucidativos dessa tensão concentram-se na figura de Venâncio: personagem que simboliza o indivíduo que não se deixou absorver nem pelo tempo nem pelo espaço. Espectador de um Rio de Janeiro em fase de mudança, quando todos reuniam sua força de trabalho em prol do desenvolvimento da cidade e do próprio enriquecimento, ele a tudo assistia e observava. Mas não participava. Andava à toa pelas ruas, consumindo horas a investigá-las. Insinua-se, assim, nessa personagem, a “dialética da 'flânerie': de um lado, o homem que se sente olhado por tudo e por todos, como um verdadeiro suspeito; de outro, o homem que dificilmente pode ser encontrado: o escondido.” (BENJAMIN, 2006, p.465).

Palavras-chave: *flâneur – Nélida Piñon – memória – Rio de Janeiro*

“VENHO dos lados de Beja./ Vou para o meio de Lisboa./Não trago nada e não acharei nada.Tenho o cansaço antecipado do que não acharei./E a saudade que sinto não é nem no passado nem no futuro./Deixo escrita neste livro a imagem do meu desígnio morto:Fui, como ervas, e não me arrancaram.” (Fernando Pessoa, 2001, p. 366)

Essas palavras de Fernando Pessoa podem ilustrar o espírito do *flâneur*. Ele está dentro e fora da cidade como um espírito capaz de captar e de estranhar o tempo e o espaço em que está inserido. Sempre à cata de algo, não se deixa absorver, apesar de encontrar-se em meio à vida como uma erva daninha. Seus estranhos sumos concentram-se nele como dentro de uma ampola.

Venâncio veio para o Brasil no início do século XX ainda menino, e, lá mesmo no convés do navio, ele denuncia sua origem cigana com seu choro sentimental. Conservou sempre certas características e traços físicos: magro, franzino, de nariz adunco, mal-vestido, quase sempre desvalido, lembrando “o cavaleiro da triste figura”.

Sempre calado, começou a desenvolver pendores de narrador, escrevendo escassos bilhetes e, mais tarde, no exercício das páginas de um diário.

Viver no exílio foi uma escolha para Venâncio. Mas ele não viera ao Novo Mundo fazer a América, como o amigo Madruga. Viera em busca de um lugar onde não se sentisse perseguido. Contentava-se, então, com o suficiente para sobreviver.

Espectador de um Brasil em fase de mudança e de crescimento, quando todos reuniam sua força de trabalho para desenvolver a nação e enriquecer, ele a tudo assistia e observava. Mas não participava.

Desde que chegara ao Brasil, Venâncio mostrara-se pouco ativo, quase indolente. As idéias de reformas revolucionárias partiam sempre da mente progressista de Madruga. Seus primeiros contatos com a cidade mostram-no arredio e descontente com as mudanças empresariais do amigo. Não se deixava encontrar facilmente, fugindo do afã trabalhista. Andava à toa pela cidade, consumindo “horas investigando as ruas do Centro.” (PIÑON, 1997, p.43). Sentindo-se cobrado pelo patrão por não acompanhar a vitalidade de Madruga, vigiado e atizado pelo companheiro, Venâncio começou a procurar as ruas para não ter que enfrentá-los.

Instala-se, assim, nessa personagem, a “dialética da *flânerie*: de um lado, o homem que se sente olhado por tudo e por todos, como um verdadeiro suspeito; de outro, o homem que dificilmente pode ser encontrado, o escondido.”(BENJAMIN, 2006, p. 465). A rua começou a ser o abrigo de Venâncio para fugir dos olhares cobradores dos dois, abrindo-se em paisagem que se

oferecia aos seus olhos sonhadores, e fechando-se em quarto para abrigar seus pensamentos que não podiam aderir às mudanças que o crescimento da cidade exigia. Assim, “Venâncio percorria os becos da cidade até o esgotamento.” (PIÑON, 1997, p. 180) e ia, aos poucos, sendo cativado pelo magnetismo de uma esquina, pelo nome de uma praça, pela calçada particular de um reduto, pelo calçamento esburacado de uma rua, pela peculiaridade dos habitantes de tal ou qual parte da cidade. Venâncio, porém, nunca se ajustou às mudanças que o tempo trouxera ao Rio de Janeiro.

Extraído por Walter Benjamin como um dos pedestres de Paris, essa figura condensa características de quem se encontra numa época, a tudo assiste, mas de nada participa, dando-se ao ócio e ao devaneio. (BOLLE, 2000, p. 366). Ele tem “o cansaço antecipado do que não achará” (PESSOA, 2001, p. 366), e que lhe denuncia o tédio atormentador.

Venâncio encontrou uma América em que todos lutavam pela mesma bandeira: o progresso, a riqueza, o bem-estar. Os livros, porém, lhe mostraram o exotismo da formação de uma cultura tropical baseada no comércio de negros escravos.

O “ocioso sonhador” desse romance focalizou apaixonadamente um tempo histórico e nele pareceu viver, tal o realismo com que descrevia as cenas do Rio de Janeiro, quando ali aportavam os escravos. Pouco dado aos excessos que a lida diária exigia, ele soube combinar no ócio a possibilidade e o desejo.

Dispersão e concentração também são características desse ser perambulante.

Sua dispersão se manifestava, principalmente, no seu desejo de evasão. Venâncio sempre cultivou o hábito de sonhar. Sempre pronto em fugir para o espetáculo do mar e entregar-se aos devaneios, imaginando as naus que aportaram nas praias do Rio e o nascimento do Brasil no mar. Seu espírito nômade só encontrava paz e satisfação ao mudar de cenário. Ele precisava olhar as águas, embicar por uma rua, sentar-se à mesa de um bar. Passou por várias moradias. Abrigou-se num hotel na Cinelândia, quando Madruga já possuía uma boa casa na Tijuca. Embora Venâncio a freqüentasse, fazia-o a custo. Não suportava a riqueza do amigo quando, na Espanha, a população sofria com a guerra. Madruga o incitava a mudar-se do hotel, mas Venâncio reagia. “Amava os pequenos bares da Cinelândia. De ouvir nas esquinas os fatos políticos. De colher as intrigas no nascedouro, entre a palha quente.” (PIÑON, 1997, p. 181).

Mas Venâncio não se deu somente às ruas. Começou a encontrar prazer também na leitura. Lia os jornais e, principalmente, freqüentava a biblioteca. “Nos salões da Biblioteca Nacional, Venâncio sentia-se em casa. Na antevéspera de uma revolução, lia, encantado, os relatos dos viajantes que visitaram o Brasil em meados do século XVII.” Aos poucos, os fatos descritos foram compondo uma segunda realidade para Venâncio. Ao olhar para trás, só via as ruínas que o progresso trouxera e, em seu delírio, fez renascer dos livros as pessoas que ali viveram antes dele. daquelas páginas saltaram as personagens do passado. “Com eles identificado, sentia-se igualmente a galgar as mulas, vencendo picadas, atravessando os caminhos para Minas Gerais.” (PIÑON, 1997, p. 140).

Tendo-se mudado para um apartamento na Avenida Beira-Mar, ele acumulou a perambulação pelas ruas com a passividade da observação. “Do décimo segundo andar do prédio, frente à baía, tinha o Brasil inteiro ao seu alcance. E, como tal, uma paisagem ofertando-lhe indignação e arrebatos alternados.” (PIÑON, 1997, p. 183). O horizonte abriu-se para ele. Entrecruzando quarto e ar livre, ele foi planejando um espaço para si mesmo que passaram a levá-lo do sonho ao devaneio. A observação do lugar, as pessoas que conhecia e observava foram paulatinamente formando quadros em sua mente, e a história da cidade, que ele lia com avidez nos livros da Biblioteca Nacional, foram compondo legendas para aquelas imagens. As ruas continuaram-se em caminhos que atravessaram o espaço e penetraram no tempo, fazendo-o dialogar com o passado, de tal maneira que ele não o distinguia mais do presente, constituindo-se no que Benjamin denominou “imagens dialéticas” (BENJAMIN, 2006, p. 28).).

Na proximidade do espaço, Venâncio deslocou-se para um Brasil pretérito para com ele dialogar. Por ser aquele um chão que não era o seu próprio, por levarem-no aquelas ruas ao encontro de um passado que não era o seu, mas a infância de uma cultura, o calçamento, as praias,

as águas do mar passaram a ter para ele uma dupla ressonância: a de um lugar e de um tempo outros.

Instalado no apartamento novo, aos poucos Venâncio foi trazendo a paisagem para dentro. Adquiriu um periscópio para melhor observar o panorama que lhe estava diante e o possante instrumento passou a oferecer-lhe “a rara oportunidade de abandonar o ano em que vivia, através simplesmente de suas lentes. E não para ir de visita ao futuro, que de fato pouco lhe interessava. Mas para pousar na primeira parte do século dezenove, onde aparentemente assentaram-se certas bases mestras do país.”(PIÑON, 1997, p.189-90). Penetrar nessa nova paisagem passou a ser motivo de deleite para Venâncio. Passava horas absorto a contemplar, por meio da luneta, o quadro presente-passado que formara. Assim, adentrando no espírito da cidade – mundo profano desse romance carnavalizado – essa se transformou, para Venâncio, num excitante labirinto sócio espaciotemporal.

Seu apartamento passou a ser um espaço de conotação dupla, transmutado em abrigo e em clareira, simultaneamente. Oculto do mundo, vasculhava as almas com o olhar penetrante que a lente lhe proporcionava. O mergulho na história do Brasil o fez imaginar o Rio de Janeiro do passado e transformar-se num narrador. Por meio do periscópio instalado bem à frente de sua janela, de onde ele podia ver a paisagem, o “ocioso sonhador” realizou uma viagem pelo tempo, penetrando na arquitetura da época; nos jardins, que remetiam a épocas passadas; nas cenas dos filmes antigos.

O pontilhado mnemônico que constrói as trilhas dessa personagem foi sendo desenhado por ela própria à medida que percorria os textos de história desse Brasil. O *flâneur* nutre-se desse tipo de embriaguez que o faz interessar-se não apenas por aquilo que lhe atinge o olhar, mas pelo que ele resgata também do saber do imaginário coletivo, colecionando dados esquecidos, como se os tivesse vivenciado.

Além dos livros e da paisagem do Rio de Janeiro, o cinema tornou-se mais um caminho para sonhar: “Obcecado pelo rosto de Greta Garbo, percorria os cinemas. Diante de um prolongado close na tela, muito além das suas expectativas, suspirava imerso em profunda emoção. (PIÑON, 1997, p. 145).

Chaim Féres (2003, p. 93) lembra que “o *flâneur* é o ‘historiador alegorista’, exilado do espaço e do tempo oficiais que, por *dépaysement* lingüístico, evoca o passado estrangeiro para transformá-lo em algo familiar, transmissível, mantendo com ele uma relação performática.” Exilado do tempo oficial, essa personagem d’**A república dos sonhos** se refugia no século XIX. Isolado em seu espaço interior, ele procura um lugar onde seu espírito possa estar totalmente livre. O Rio de Janeiro acolhe essa personagem que passa a preencher os espaços vazios da cidade com as histórias pretéritas lidas nos livros.

Conhecendo seus fatos históricos, a cidade funcionava, para Venâncio, como um solo onde, às vezes, ele podia encontrar firmeza, pois conhecia muito daquele lugar e de seus habitantes. Do português dominador ao negro escravo. Mas esse espaço lhe oferecia, também, muitos lugares ocultos e sem sentido para ele em sua peculiar situação de estrangeiro. A cidade tornava-se, então, um campo flutuante onde não podia pisar com segurança.

Venâncio foi, ainda, *flâneur* da noite: “À noite, caminho com gosto pelas ruas. Sigo o traçado irregular do casario baixo, onde em geral instalou-se o comércio. Enquanto passo em revista as caras nas janelas, depois do jantar.”(PIÑON, 1997, p. 400). Na posse da cidade, porém, convivía também a angústia do homem do final do século XIX que perduraria pelo seguinte, na tristeza de saber-se sem rumo, sem lugar, sem tempo certo. Venâncio sente, também, o sentimento de quem vive fora do lugar de origem:

A América vai me tomando devagar. Rouba-me a última porção épica que almejei um dia exibir. Começo a ser um personagem sem história e sem livro. Sem um folheto ao menos que fale de mim. [...]

Este século em que agora vivo nada me diz. Aponta-me somente carências dramáticas. E uma cronologia que sucumbe a cada dia, de uma semana sem

grandeza. Tudo me chega contaminado pelo sentimento de viver o desterro. Onde encontro-me então?(PIÑON, 1997, p. 400-1).

Diz Edward Said, em **Reflexões sobre o exílio**, que “a maioria das pessoas tem consciência de uma cultura, um cenário, um país; os exilados têm consciência de pelo menos dois desses aspectos, e essa pluralidade de visão dá origem a uma consciência de dimensões simultâneas, uma consciência que – para tomar emprestada uma palavra da música – é *contrapontística*.” (SAID, 2003, p. 59). Venâncio criou essa segunda visão, trazendo dos livros para a vida real, a história do Rio de Janeiro.

Os ciganos haviam sido banidos da Espanha por meio da Pragmática, decreto espanhol de 19 de setembro de 1783, tratado eufemisticamente como um avanço cultural pelo rei Carlos III. Com uma penada, esse estrato da sociedade espanhola deixava oficialmente de existir. Era-lhes vedado “o uso da língua, dos hábitos, dos costumes e dos trajes típicos”. (PIÑON, 1997, p. 460). Venâncio fazia parte dessa comunidade espanhola até o momento em que decidiu exilar-se no Brasil. E, ao lado da memória cultural que a Espanha lhe legara e a do Brasil emergente a que assistia presencialmente, a partir de sua predisposição ao devaneio, criara mais uma: a do Brasil do século XIX.

Esse século pretérito apresentou-lhe Odete, a empregada da família de Madruga, e o fez imaginar-lhe a história, como escrava de um Brasil ainda colônia, a partir de seu tipo físico.

A página que ele escreve em seu diário com a data de 8 de setembro de 18... mostra-o junto de Madruga, Rugendas e Eulália a visitar o mercado de escravos. Foi ali que imaginou quando

Odete despediu-se de seu homem com o olhar incendiado pela febre. Teve tempo ainda de roçar levemente a cabeça do filho. [...] Odete encontrava-se entre os negros da fila de frente, os primeiros na lista do leilão. Esguia, de porte altivo, era certamente uma aristocrata. Mais elegante que qualquer um de nós. Sua origem, a perder-se no tempo, sobrepujara-nos. Quando chegamos à terra, nossas famílias ainda comiam carne crua, enquanto que a sua, na Costa do Marfim, refinara-se na criação de deuses singulares. (PIÑON, 1997, p.403).

Apesar do prazer que encontrava na leitura da história do Brasil, o conhecimento humano trazia-lhe angústia, faltava-lhe a iniciativa para ligá-lo à práxis, ao espírito prático do tempo e sua escrita deixa transparecer a crítica da autora à situação social e política do Brasil. Sua situação de exilado aponta para uma posição contrapontística, não somente no sentido que essa palavra traz de oposição, mas de atraso em relação aos saberes do povo da terra. “Em conversas de bar, tinha dificuldade em ingressar nas memórias pretéritas daquela gente. Em geral, formadas desde o cativeiro. Tal empecilho devendo-se à falta de avós e pais que lhe tivessem falado do Brasil. Afinal ele pousara no Brasil como uma ave de arribação.” (PIÑON, 1997, p. 182). De que lhe servia ter duas pátrias, se ambas o faziam sentir que não pertencia a nenhuma delas? Era cidadão de lugar nenhum.

Na vinda ao Brasil, em 1913, ao desembarcar no cais, sempre em posição defensiva, Venâncio foi surpreendido pela índole amistosa do povo. Todos desejosos de festejar. “Afinal [...]”, perguntava-se, “[...] Qual é o formato do sonho deste povo? De que terra e modelo eles pensam partir, a fim de viver de fato o delírio e a epopéia?” (PIÑON, 1997, p. 392).

Venâncio mostra ser do contra desde o dia em que pisou pela primeira vez no Brasil, desafiando os conselhos de Madruga: “— Preste atenção, Venâncio. Na hora de pisar o chão, use o pé direito, para dar sorte. (...) E ignorando ostensivamente seus conselhos, firmou o pé esquerdo na terra brasileira. Deste modo optava, diante de Madruga, por uma América arenosa e ascética.” (PIÑON, 1997, p. 443).

O destino do *flâneur* também é, pois, o de ser uma criatura dialética, contrapontística e arriscaríamos mais um adjetivo para Venâncio, o de ser uma personagem de características barrocas.

Ainda que tímida e laconicamente, ele manifesta uma posição dialética ao expor suas divergências diante da opressão da sociedade capitalista. Seja face a face com Madruga, seja no enfrentamento da vida com simplicidade. Seu espírito contestador se mostra nas ruas e nas praças, lugares do povo por excelência.

Essa personagem de contrastes combina a erudição da biblioteca com o popular das ruas; o silêncio e o laconismo de quase toda a vida irrompe de repente num palavrório para falar de sua origem cigana.

Venâncio é uma personagem triste. Fazendo coro com Edward Said e com Wallace Stevens, autor citado por Said,

o exílio é uma mente de inverno”, em que o *páthos* do verão e do outono, assim como o potencial da primavera, estão por perto, mas são inatingíveis. Talvez essa seja uma maneira de dizer que a vida do exilado ande segundo um calendário diferente e é menos sazonal e estabelecida do que a vida em casa. O exílio é a vida levada fora da ordem habitual. É nômade, descentrada, contrapontística, mas, assim que nos acostumamos a ela, sua força desestabilizadora entra em erupção novamente. (SAID, 2003, p. 60).

A personalidade de Venâncio foi determinada por duas variáveis: tempo e espaço. O fato de ter sido banido da Espanha, de sentir-se desterrado e o fato de sua natureza não lhe permitir acompanhar os progressos da época confluíram nessa personagem, fazendo com que ela assumisse os traços desse ser peculiar.

Iniciamos nossa comunicação com um poema de Fernando Pessoa. Desejo finalizá-la com outro poema que trata de um ser dado a viver à margem: o *Poema de sete faces*, de Carlos Drummond de Andrade: Quando nasci, um anjo torto,/desses que vivem na sombra,/disse: Vai, Carlos, ser *gauche* na vida!

Esse é o destino do *flâneur*: ser *gauche* na vida, andar de um lado para o outro e não achar nada, ser como ervas e não ser arrancado.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire – um lírico no auge do capitalismo. Obras escolhidas*, v. III. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. 3. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2000.

FÉRES MATOS, Olgária Chaim. “O *storyteller* e o *flâneur*”. In: (org.) MORAES, Eduardo Jardim de; BIGNOTTO, Newton. *Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias*. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003. p. 90 a 96.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro, Ed. Aguilar, 2001.

PIÑON, Nélida. *A república dos sonhos*. Rio de Janeiro, Record, 1997.

SAID, Edgard. *Reflexões sobre o exílio*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

BOLLE, Willi. *Fisionomia da metrópole moderna*. São Paulo: Edusp, 2ª ed., 2000.

ⁱ Profa. Dra. Maria Miquelina BARRA ROCHA. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras.